



O Camponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

LEITOR AMIGO

«O Camponês» é um fiel companheiro de luta. Ele tem desempenhado, sem dúvida, um importante papel de esclarecimento e mesmo de unificador, organizador e guia na luta diária dos camponeses em defesa dos seus mais justos interesses.

Por isso «O Camponês» não deve ser destruído, deve ser dado a um teu companheiro de trabalho.

ABAIXO AS GUERRAS COLONIAIS

PREFÊS em Fevereiro 4 anos que o governo salazarista, traidor à pátria e ao povo, leva a cabo em Angola, uma guerra criminosa, condenada e repudiada pelas amplas camadas da população.

Ao contrário do que os fascistas anunciaram, as guerras não acabaram nem acabarão enquanto os povos africanos escravizados, não alcançarem a independência das suas pátrias a que têm direito.

Os comunicados fascistas já não enganam ninguém. Primeiro em Angola, depois na Guiné e agora em Moçambique, a história para ludibriar o povo e a juventude é sempre a mesma. Dizem eles: não há luta dos povos coloniais mas sim «bandoleiros» vindos do exterior, tentando assim demagógicamente, convencer que tudo acabará em breve. Mas como a luta dum povo escravizado e explorado até à medula não se esmaga assim tão facilmente e a nossa juventude continua a morrer ingloriamente, é necessário continuar a dar uma justificação das mentiras anteriormente propaladas. E então os comunicados continuam uns após outros, os «bandoleiros» continuam a infiltrar-se vindos do estrangeiro. Isto disseram os colonialistas no começo da guerra de Angola, disseram-no igualmente quando da Guiné, está a dizê-lo agora sobre a de Moçambique e continuá-lo-ão a dizer enquanto não forem escorraçados definitivamente. Como se o nosso povo não soubesse que esses «bandoleiros» que morrem sob as armas do exército colonialista português fossem idênticos àqueles que morrem no campo, na aldeia na vila ou na cidade de Portugal. Que são como a operária agrícola Catarina Eufémia assassinada a tiro em Baleizão,

Adelino dos Santos em Montemor-o-Novo, Adângio e Madeira em Aljustrel, Capilé em Almada, Finiza em Lisboa e tantos e tantos outros pelo país fora, apenas por quererem Paz, Pão, Trabalho e Liberdade. A estes assassinos monstruosos não se disse que eram «bandoleiros» do exterior, porque isso era difícil acreditar. Justificaram-se como sendo as vítimas «desordeiros» «virando-se às autoridades» ou estando a «soldo do estrangeiro».

Nunca os salazaristas disseram que se assassinaram os mineiros de Aljustrel, Adângio e Madeira legítimos portugueses, para defender os lucros dos imperialistas estrangeiros belgas, nem nunca disseram nem dirão que os assassinos, a repressão e a miséria do povo só são possíveis porque ele é o governo dos monopólios associado ao imperialismo estrangeiro e dos latifundiários. Nunca disseram nem dirão que quando os interesses destes estiverem ameaçados

pelos trabalhadores logo as forças repressivas serão lançadas em sua defesa. O mesmo nunca disseram nem dirão que as guerras coloniais se estão a intensificar, que os povos coloniais estão a dobrar na luta, que a guerra em Angola se desenvolve, que na Guiné os patriotas são já senhores de grande parte do território administrando-o por si próprios e que em Moçambique a juventude portuguesa começou a morrer. Nem se disse nem se diz que aldeias inteiras de patriotas são arrasadas a «napalm» e as populações ceifadas à metralhadora só porque se suspeita que sejam patriotas activos. Tudo isto se esconde e tropedeia. A censura tudo corta. Jornais mesmo fascistas são suspensos se publicam a verdade, como acaba de acontecer em Moçambique, a um diário, suspenso 3 dias por ter a audácia de publicar a morte de soldados que os comunicados fascistas não tinham publicado.

(continua na 3ª pág.)

LIBERDADE PARA MANUEL GUEDES

Manuel Guedes continua encarcerado. Apesar da sua pena ter terminado há muito, o fascismo continua a mantê-lo preso à sombra das sinistras «medidas de segurança».

A continuação de **Manuel Guedes** na prisão é uma afronta aos mais elementares Direitos do Homem.

Manuel Guedes necessita ser arrancado às garras do fascismo. Mas, só o será se a campanha pela sua libertação redobrar de intensidade.

Camponeses, trabalhadores, juventude do campo, encabeçemos

nós também e com energia, a luta pela libertação deste destacado militante da classe operária.

Manuel Guedes está preso por defender os interesses de Portugal e do seu povo. Está preso por lutar contra os grandes latifundiários, contra os exploradores e opressores.

Manuel Guedes necessita, para ser libertado, do apoio daqueles por quem entregou inteiramente toda a sua vida — os trabalhadores.

Na nossa aldeia, vila ou cidade, por todo o lado onde for possível escrevamos:

LIBERDADE PARA MANUEL GUEDES

AS NOSSAS LUTAS

Benavila—Os trabalhadores que se empregam nas estradas têm vindo constantemente a reivindicar junto dos empregadores melhores ordenados. Como não têm sido atendidos, em Outubro, concentraram-se na Câmara. O presidente faz promessas, mas não aumenta os ordenados. Os trabalhadores fazem « cera ».

—Um rancho de homens que trabalhava por conta do Vassalo, conquistou um aumento de 5\$00, passando de 25\$00 para 30\$00. O Vassalo só resolveu a dar o aumento quando viu que os trabalhadores estavam decididos a ir-se embora.

Lavre—Em Agosto, muitos trabalhadores conseguiram emprego depois duma concentração junto da Casa do Povo.

—Os ordenados que correm nesta região vão de 22\$00 a 30\$00 para os homens e de 15\$00 para as mulheres.

Aguaiva de Cima (Agua de Moura). Um rancho de mulheres que andava na descaldeira com o ordenado de 20\$00, por imposição do feitor, pegavam às 8 horas e 15 minutos e despejavam às 17,15. Apesar de trabalharem só às 8 horas não queriam aquele horário. Queriam pegar às 8 horas e despejar às 17 horas. Como os seus protestos não foram ouvidos, abalaram quase todas. Belo exem-

plo a seguir por outros trabalhadores. Quem deve decidir o horário são os trabalhadores e não os patrões.

Bordeira (Loulé). Um rancho de mulheres que andava por conta do fascista José Gago na apanha de favas, trabalhando de sol a sol, exigiram o horário das 8 horas. Tomaram esta atitude ao verem passar junto de si uma mulher que a acabara às 5 horas e as incitara a que fossem para casa como ela. O agrário não cedeu, despedindo ainda uma mulher dum caso suas, como vingança.

Trabalhadores do campo, com o horário das 8 horas já trabalha quase toda a gente. Os agrários só não o dão onde os trabalhadores ainda não se decidiram a impô-lo. Herdades de grandes potentados como o Palma e Comporta, o horário das 8 horas foi imposto apesar da resistência desesperada dos seus exploradores.

O horário de sol a sol começa a não ser horário já do nosso tempo. Aproveitemos o 1.º de Maio para acabar definitivamente com ele.

José Fernandes, zangado!

« O Camponês » de Janeiro, falava nas patifarias que o agrário José Fernandes, de Cachopos e outros da mesma igualha, faziam aos trabalhadores. Era precisamente o Sr. Fernandes que era acusado de ser um dos piores inimigos dos trabalhadores da região. Isto disse « O Camponês » em Janeiro e continua a afirmá-lo em Março. Não é uma afirmação vã, é uma acusação dos trabalhadores que têm sido alvo da sua senha de tirano. Mas, Sr. Fernandes, « O Camponês » foi feito para esclarecer melhor os trabalhadores e pô-los em guarda. Não estamos contra que o Sr. Fernandes também lesse « O Camponês », nada disso! Só não estamos de acordo é que o Sr. Fernandes diga que é mentira o que lá veio escrito; que nunca fez nada do que é acusado. Então porque é que o Sr. Fernandes diz que aquelas informações são dadas por pessoas « daqui » e que têm que ser descobertas? Quem está a ser descoberto é o Sr. Fernandes, não acha? Um conselho para terminar — quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

VIVA O 1.º DE MAIO

O Dia 1.º de Maio é o **Dia Internacional dos Trabalhadores**.

O 1.º de Maio é o dia em que começou a luta pela conquista do horário das 8 horas. Desde esse dia memorável, em terras longínquas da América, terra onde a luta pela conquista das 8 horas começou, dezenas de anos se passaram, milhares de lutas se travaram por todo o mundo, umas vezes com o sabor da vitória, outras com o da derrota. Mas, tem sido por este caminho, através da luta, que os povos uns após outros foram impondo aos exploradores o horário das 8 horas. Uns conquistaram-no, outros ainda lutam por ele, mas todos acabarão por conquistá-lo.

Nesta luta árdua também os trabalhadores do campo, do Sul do país, estão incluídos. Foi em 1962, no 1.º de Maio, depois de vários anos de pequenas e grandes lutas, que os trabalhadores do Sul impuseram aos agrários, o seu horário das 8 horas. Não foi fácil esta conquista.

Mas os trabalhadores unidos, organizados e decididos, acabaram por vencer toda a resistência dos latifundiários apoiada e incitada pelas forças repressivas do governo fascista de Salazar.

Entretanto, a luta não parava aqui e, assim, muitos trabalhadores tiveram que continuar a lutar e ainda hoje lutam em muitos lados, para defender essa conquista do 1.º de Maio de 1962. Regiões há que o horário das 8 horas ainda não foi imposto, mas que se impõe que o seja.

Aproxima-se o 1.º de Maio de 1965, dia da vitória dos trabalhadores contra os exploradores e fascismo. Prejaremo-nos, organizando-nos para impormos este ano definitivamente o horário das 8 horas onde ainda não existiu.

Exijamos, melhores salários, pão, paz e trabalho. Manifestemo-nos contra as guerras coloniais, pela democracia e a liberdade.

O 1.º de Maio é nosso. É dos trabalhadores. Não trabalhemos neste dia!

AOS LEITORES

« O Camponês » vai abrir uma rubrica « **Inimigos dos trabalhadores** ». Rede-se que os leitores de « O Camponês » entiem para a sua redacção os seguintes dados: Quais os inimigos dos trabalhadores em cada região? Quais os agrários mais odiados pelos trabalhadores? Quais os principais motivos de serem odiados? Todos os aspectos que se conheçam de malvadez, exploração, opressão, etc., de cada um devem os leitores enviar à redacção.

UNAMOS TODA A NAÇÃO CONTRA A POLITICA SUICIDA DE SALAZAR! AVANTE FORA UMA GRANDE JORNADA NO 1.º DE MAIO.

VIVA O 1.º DE MAIO

ALERTA TRABALHADORES DA COMPORTA

O banqueiro Espírito Santo é hoje o Sr. desse grande Conado. Enquanto ele prospera de dia para dia, os trabalhadores que por ele são explorados, têm uma vida cada vez mais miserável.

É sabido que nenhum patrão adquire riquezas só por ter terras ou fábricas. Para que estas lhe dêem lucros é necessário que os trabalhadores lá trabalhem. Os trabalhadores recebem sempre ao fim do dia apenas uma pequena parte do seu trabalho, apoderando-se o patrão da outra parte. Daí eles estarem interessados que os trabalhadores passem mal, forçando-os intencionalmente muitas vezes ao desemprego, para terem sempre mão de obra barata quando dela necessitam e assim os poderem explorar mais desumamente, isto é apoderarem-se dum maior lucro em cada jornada de trabalho.

Mas, como se está a tornar mais difícil que a uns tempos atrás a aquisição de mão de obra, por muitos trabalhadores abandonarem as suas regiões e irem à procura de melhores condições noutras partes e por se tornar também cada vez mais difícil substituir o trabalhador à exploração habitual, pois que ele está a tomar consciência dessa exploração, os patrões vêem-se

obrigados a introduzir novos métodos até aqui desconhecidos dos trabalhadores, para os continuarem a explorar sem que eles se apercebam.

Por exemplo, o vampiro Espírito Santo está a adaptar na herdade da Comporta o seguinte: **distribui 10 hectares de terra por 10 trabalhadores, para plantação de arroz; dá 40\$00 diários; e se trabalharem bem, ao fim da colheita dá um jantar e mil escudos a cada um.**

Não será isto um método atraente e ardiloso para amarrar ali os trabalhadores? A experiência diz-nos que sim, pois o Espírito Santo está a adaptar este sistema em grande escala. E, se não vissemos o verdadeiro aspecto da exploração muitos trabalhadores diriam e, alguns inconscientemente dizem: — mas qual é o patrão que dá 40\$00 diários? qual é o patrão que dá um jantar ao fim do ano e uma gratificação de mil escudos?

Na realidade nenhum patrão dá. Mas o Espírito Santo também não dá.

E logo onde alguns trabalhadores não se apercebem, é que cada 2 fica responsável por determinada área durante toda a época, que

para a conseguirem manobrar, têm que trabalhar sempre de empreitada e o mínimo 12 horas por dia.

Vejamos como o Espírito Santo também não dá nada. Os trabalhadores da Comporta que trabalharam nestas condições trabalharam 100 dias a 40\$00 ganhando 4 mil escudos. Trabalharam 12 horas por dia e sempre de empreitada. Quer dizer, cada trabalhador recebeu, com a gratificação, 5 mil escudos e um jantar ao fim da época.

Se o tubarão, tivesse que pagar a estes trabalhadores a jorna de 8 horas a 40\$00 mesmo sem gratificação tinha que lhe dar 6 mil escudos, isto é; mais mil escudos do que lhe deu, e com a vantagem para os trabalhadores de não se terem esfalfado a trabalhar de empreitada.

Se cada trabalhador fizer as contas, verifica que não ganhou 40\$00 por dia mas sim 26\$66 por cada 8 horas de trabalho e foi de empreitada.

Trabalhadores da Comporta, desmascaremos esta exploração. Não aceitemos trabalho nestas condições. As empreitadas não nos servem. Exigimos os 40\$00 mas nas 8 horas. Unamos-nos e façamos ver ao Sr. Espírito Santo que não somos nenhuns «lorps». Nós não precisamos dum jantar ao fim do ano, precisamos é de comer melhor todos os dias.

SÓ AOS MONOPÓLIOS E IMPERIALISMO AS COLÓNIAS FAZEM FALTA

(continuação da 1ª pag.)

Tem-se tentado fazer crer que a perda das colónias é um desastre para Portugal. Portugal e os portugueses só tem a ganhar com esse desfecho.

Quem beneficia afinal com as colónias?

É o povo português que vê o custo de vida aumentar assustadoramente, que vê impostos de consumo de todos os géneros; é a juventude que embarca forçada ou que vê perspectivas de ir morrer na guerra que repudia; são as mães e noivas que ao despedirem-se dos seus entes queridos passam a viver uma vida míltiva por poderem sabê-los mortos ou inválidos, ou é ainda a classe operária, os pequenos e médios camponeses, comerciantes e industriais, que se vêem explorados e arruinados pelos mo-

nopólios que crescem a cada dia e se tornam cada vez mais poderosos à custa dos fabulosos lucros que arrancam das colónias, sacrificando estes povos, a juventude e o povo português, que tem algum interesse nas colónias? Não! Não!

Com as guerras coloniais, apenas lucram os monopólios nacionais e estrangeiros, o imperialismo, ministros, etc.

A classe operária, o povo português e os povos das colónias, só ganham e muito, com o fim das guerras coloniais. Estas são uma vergonha nacional. Elas são condenadas por todo o mundo progressista. Elas são condenadas igualmente pela classe operária, pela juventude e pelo povo português. O fim das guerras coloniais, significa o fim de privações; de mortes e angústias para todo o povo.

Que lei virá a seguir?

Dentro em pouco, se as leis dos senhores da Comporta não forem contrariadas pelos camponeses, a estes não lhes resta outro caminho senão arrumar as malas e irem à procura doutro sitio para viverem. Depois de várias leis decretadas pelo tubarão Espírito Santo, que tem privado os camponeses de regalias que até aqui usufruíam, outra eles agora impõem. Passa a ser proibido comprar gado de unha rachada, isto é, possuir tal gado.

Qual a que virá a seguir Srs. tubarões? Previnam-nos, porque está a chegar a altura em que a cada lei vossa nós temos que impôr também a nossa. Nós camponeses, decerto não aguentaremos por muito mais tempo tais arbitrariedades. Elas terão que ser anuladas.

Os Rendeiros da Quarteira Resistem á Ordem de Abandonarem as Terras

Os camponeses da Quinta da Quarteira continuam semeando as terras, resistindo assim, às patifarias do Morgado, que tudo tem feito para os escorraçar da propriedade. Primeiro com promessas de lhes ceder terreno noutra propriedade e depois com ameaças de todo o género, tal tem sido o seu esforço nesse sentido. Entretanto, tudo lhe tem fracassado, continuando os camponeses na propriedade.

Vendo os seus esforços baldados deixou de limpar as valas mestras, originando que as propriedades que a elas marginavam se inundassem e fossem invadidas por toda a qualidade de ervas daninhas. Os rendeiros destas abandonaram-nas devido às despesas de limpeza não compensarem.

O Morgado por serem apenas estes a abandoná-las e não lhe dar o resultado esperado, continuou a decretar multas, proibir de se fazerem sementeiras, de se apanharem ervas, etc. A tudo isto têm os rendeiros respondido com uma indiferença total, continuando a sua labuta normal.

Agora que as colheitas estão feitas, uma nova tentativa de despejo. Ameaça que vai tapar todos os caminhos, de maneira a impedir que os rendeiros não possam retirar de lá a colheita.

Como se vê, o Morgado, apesar de decorridos cerca de 2 anos que tentou escorraçar os rendeiros, não desiste dos seus intentos. Para isto devem os rendeiros da Quarteira estar prevenidos. O Morgado será capaz de tudo. Com a ânsia de vender a propriedade aos estrangeiros, que lhe acenam com milhares de contos, todo o apoio receberá nesse sentido do governo fascista de Salazar, governo

CARTAS DOS LEITORES

CASA DO POVO DE VENDAS NOVAS

O que se passa nesta Casa do Povo é o mesmo que em muitas outras pelo país fora. Tem como Presidente um tal Manuel Romão, tipo que nada mais é que um fantoche ao serviço dos agrários e extremamente impopular. Como seu colaborador mais próximo o GNR reformado, o tirano Cipriano. Em chefe de escritório aparece o Sr. João Almeida, tipo que fez um desfalque na casa Cadaval e depois outro na Mesericórdia desta terra. Estes são os dirigentes duma casa que se diz do Povo, dirigida por pessoas que não são consideradas na terra como fazendo parte do Povo.

O Cipriano recebe um ordenado mensal de 800\$00, recebe ordenado para abrir a televisão, coisa que

que todos os dias facilita, incita, e entrega, parcelas do território português ao imperialismo estrangeiro.

Esta política traidora de Salazar tem de ser combatida. Os rendeiros da Quarteira ao não abandonarem as terras, ao lutarem contra o Morgado, seu explorador, impedindo-o que venda a propriedade aos estrangeiros, estão ao mesmo tempo a lutar contra o fascismo e o imperialismo. Estão a dar uma importante contribuição à libertação do nosso povo.

Rendeiros, o único caminho que tendes para não serdes privados da terra, é continuardes como até aqui, semeando-as, não temendo ameaças nem acatando nenhuma « lei » do Morgado.

Uni-vos todos e ajudai-vos uns aos outros. Lutai decididamente pela posse da terra. Quanto mais unida e decidida for a vossa luta mais depressa o Morgado se convencerá que a terra terá de continuar na vossa posse até que um dia vos seja entregue definitivamente.

faz uns dias tarde e outros nem lá aparece, recebe percentagem para ir fazer a cobrança das cotas, o que também não faz, obrigando os sócios a irem pagá-las lá.

Em contrapartida outros empregados que mais direito tinham, ganham uma ninharia, incluindo o médico, que chega a ganhar \$50 por consulta. Os subsídios de doença são extremamente ridículos e os de reforma além de serem igualmente ridículos são quase inesistentes. Quando aparece algum trabalhador a reclamar essa regalia mandam-no esperar por vaga. Talvez à espera que algum morra!

As reclamações dos trabalhadores é lhes dito que a Casa do Povo não tem dinheiro. Entretanto, tem no banco 500 contos, dinheiro este, que está a ser reservado para a construção de novo edifício para a Casa do Povo. Como se os trabalhadores necessitassem mais do novo edifício do que subsídios!

Trabalhadores de Vendas Novas, escorracemos os canalhas que estão na direcção. Coloquemos em seu lugar filhos do povo, homens honestos e zeladores pelos nossos interesses. Passemos a frequentar a Casa do Povo e discutamos aí os nossos problemas.

Queridos camaradas camponeses, aproximam-se os trabalhos no campo. É altura de reunirmos para discutirmos os nossos problemas. O inverno foi pesado para nós com o desemprego. Muitos de nós não temos que comer vestir e calçar. Os nossos filhos, pedem pão e não temos para lhes dar. Muitas vezes vamos pedir trabalho e os agrários respondem-nos com latidos de cães danados, que não dão.

Camaradas de Ermidas Sado, Alvalade e Ermidas Aldeia, os agrários preparam-se para nos dar salários de miséria. Unamo-nos e não aceitemos menos que 20\$00 a 25\$00 para as mulheres e 35\$00 a 40\$00 para os homens. Preparemo-nos para nos trabalhos do arroz e tomate lutarmos por 25\$00 a 30\$00 para as mulheres e 40\$00 a 50\$00 para os homens. Há camaradas que temem as ameaças dos agrários e mandarem prender. Não tenhamos medo, todas unidas não há força repressiva que nos vença.

Uma camponesa de Ermidas Sado

AS CEIFAS APROXIMAM-SE

*A Unidade e Organização Necessitam-se
As Comissões de Unidade Organizam-se
Melhores Salários Exigem-se
As Vitórias Impõem-se*